

Institute for Christian Teaching
Education Department of Seventh-day Adventist

**A RELEVÂNCIA DA DISCIPLINA NO DESENVOLVIMENTO
DA FÉ NO ADOLESCENTE**

Por
Eunice Dias (MS)
Professora de Biologia
Colégio Adventista de Lisboa

Preparado para
The Integration of Faith and Learning Seminar
Realizado no Instituto Adventista de Ensino-São Paulo
Julho de 1994

218-94 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA

A RELEVÂNCIA DA DISCIPLINA NO DESENVOLVIMENTO DA FÉ NO ADOLESCENTE

INTRODUÇÃO

O ser humano foi criado à imagem de Deus dotado das faculdades semelhantes à do Criador: livre para pensar, escolher e decidir num livre compromisso. Nasce como um indivíduo, ser único, como um conjunto de potencialidades hereditárias e adquiridas, que ao longo da sua existência se irá ajustando à sociedade onde se integra através das relações que estabelece com o meio ambiente quer físico, quer humano.

O cristianismo considera o homem um filho de Deus e o corolário deste axioma é o respeito do seu valor intrínseco.

A obra da educação desenvolve a faculdade de pensar e agir e prepara os jovens para ser pensadores livres, e não elementos de repetição dos pensamentos de outrem. 1

O ser humano é uma realidade complexa onde se entrecruzam e se distinguem de uma forma global e indeferenciada a sua natureza, a sua cultura e a sua conduta moral.

Vivemos num mundo em que a explosão tecnológica, o impacto da publicidade, especialmente nos meios juvenis e o jugo dos mass-media determinam de uma forma acentuada, que jovens e adultos se assemelhem cada vez mais uns aos outros, adquirindo condutas estandarizadas e tendo como resultado a despersonalização ou a passagem a uma personalidade com características novas e desconhecidas. Assim o jovem tem dificuldade em encontrar os seus valores, deambulando entre o que pode fazer e o que deve fazer.

Para contrabalançar esta influência negativa temos que voltar ao conceito básico da origem do homem: a liberdade.

A liberdade não é a possibilidade que o homem tem de fazer tudo o que quer, porque está condicionado a múltiplos factores, ou de não fazer, mas o uso do livre arbítrio. Ser autenticamente livre é ser ele mesmo. Deus não se agrada de uma submissão forçada e permite a todos que o sirvam voluntariamente.

Deus não força a vontade nem o juízo de ninguém nem se compraz na obediência servil.

"A vontade deve ser dirigida e modelada, não descurada ou esmagada. Poupai a força da vontade, pois na batalha da vida ela será necessária." 2

Assim como o professor não pode dar a consciência ou a fé, tampouco pode produzir a liberdade. Não podemos mudar o interior com pressões do exterior.

A liberdade não é algo gratuito. Só se alcança através da disciplina, cujo o alvo é a liberdade.

O SIGNIFICADO DA DISCIPLINA

Disciplina, o "teste ácido da sala de aula"3 como é designado por Gaebelein é uma palavra latina *discara* que significa aprender. A palavra disciplina é também conotada com fazer discípulos. Um discípulo segue ou aprende baixo a direcção de um leader que escolheu no contexto de uma educação democrática. Comumente a palavra disciplina é usada como sinónimo de restrição ou castigo, ou de uma forma indefinida. Faremos a distinção entre restrição e castigo.

A restrição é uma medida adoptada pelos professores ou pais quando entre o desejo e a necessidade da criança, a necessidade precede em prioridade o desejo. Por exemplo, se uma criança deseja ver um programa de TV que a impedirá de deitar-se cedo, interferindo na sua saúde física ou mental, teremos que recorrer à restrição. A disciplina levá-lo-ia a adquirir o hábito consciente de que a necessidade está primeiro que o desejo.

A disciplina correctiva é mais efectiva em crianças cuja idade não permite ainda ter um desenvolvimento mental que as capacite ao auto-governo e quando necessário, deve ser usado não como unicamente o resultado da conduta da criança, ou o ajuste de contas com o castigado, mas tendo como objectivo a transformação da criança. A verdadeira disciplina previne a necessidade de administrar o castigo, que já de si é um remédio e que frequentemente se mostra com atitudes negativas. O castigo deve ser aplicado ao adolescente muito raramente. Há outros meios para atingir os resultados pretendidos sem ser necessário o recurso ao castigo.

O contraste entre a disciplina redentora e a disciplina que usa o castigo está claramente demonstrada em alguns relatos bíblicos na vida de Jesus.

Em Lucas 9 vemos Jesus a viajar da Galileia para Jerusalem. Esta viagem fazia-se passando por Samaria e Jesus mandou os discípulos adiante para procurarem alojamento e comida. Mas os discípulos regressaram com a notícia de que teriam que continuar a viagem para Jerusalem, devido à falta de hospitalidade do povo de Samaria. Perante esta atitude hostil, Tiago e João indignados pediram que do céu descesse fogo para consumir todos os samaritanos. Mas Jesus, usando uma disciplina redentora respondeu que "o Filho do homem não veio para destruir as vidas mas para salvá-las" (Luc. 9:56).

Noutra ocasião vemos Jesus no meio da turba desenfreada e sendo alvo das vociferações da multidão. Os que estavam com ele propuseram feri-los à espada e Pedro, desejoso de defender o Mestre, corta a orelha ao servo do sumo sacerdote. No entanto a atitude de Jesus continua a ser a mesma usada em Samaria, respondendo: -"Deixai-os; basta. E tocando na orelha, o curou" (Luc. 22:51).

Quando Pedro na sua exuberância de carácter está disposto a morrer por Cristo, se necessário fora, nega-O três vezes antes que o galo cantasse. Mas Jesus, com um simples olhar de profunda compaixão, leva Pedro a compreender o seu pecado e a chorar amargamente. Jesus transmitiu nesse olhar o amor e o perdão.

No encontro com Maria Madalena, a grande pecadora, acusada publicamente de ter sido encontrada no próprio acto de adultério, Jesus, contra todas as perspectivas dos acusadores, não a manda apedrejar, mas diz-lhe: -"Ninguém te condenou? Nem eu também te condeno. Vai, e não peques mais" (João 8:10 e 11).

A disciplina está no centro da grande obra educacional, não como um acto castigador, mas como um acto redentor. Por isso a disciplina nas escolas cristãs deve ser

vista também no contexto da redenção. Se a disciplina usada não leva à transformação e ao novo nascimento não é de inspiração divina. É justamente no momento em que o professor cristão tem que usar a disciplina que tem a oportunidade de pôr em prática os princípios da sua fé. É nesta ocasião que o amor, a justiça e a responsabilidade se tornam evidentes. É quando o professor se enfrenta com a provocação e o desafio à autoridade, que o processo disciplinar prega aos estudantes um sermão mais importante que as aulas de Bíblia ou as pregações na igreja.

Por ser tão importante no processo educativo a disciplina, o professor não pode actuar contra as suas crenças religiosas. Quando os actos estão em contradição com os princípios religiosos defendidos pelo professor a consequência é a alienação do jovem à religião.

Assim como Cristo demonstrou, o papel do educador cristão não é um agente de ira e destruição, mas a de um portador da mensagem de salvação, cuja disciplina cristã não condena, nem destrói, mas redime.

ELEMENTOS CONSTRUCTORES DA DISCIPLINA REDENTORA

Vamos considerar cinco colunas basilares da disciplina redentora: o adolescente e a sua problemática, o professor como elemento disciplinador, a interiorização da disciplina, a disciplina positiva e a sua prevenção.

O Adolescente e a Sua Problemática

Para melhor compreendermos a problemática do adolescente vamos considerar o seu mundo interior, que dividimos em duas partes, a sua natureza e o mundo que o rodeia.

1. A Natureza do Adolescente

A palavra adolescente deriva do termo latino *adolescere* que significa crescer, desenvolver-se, amadurecer. É a época em que o jovem atinge a sua maturidade física e mental. É a fase do "estirão", da mudança da voz nos rapazes, e do aparecimento dos caracteres sexuais secundários típicos de cada sexo. Anos em que se deixa de ser criança, mas que ainda não se é adulto; que se procura cortar as amarras da dependência para encontrar a identidade na busca da afirmação da própria personalidade.

O adolescente é, pois, um mundo em transformação, cujas repercussões vão mais além da parte física para penetrarem no campo psicológico, afectivo, emocional e espiritual. À medida que o adolescente passa por estas mudanças o seu comportamento social altera-se, aparecendo os comportamentos anti-sociais, querendo negar todas as regras dos adultos, parecendo ter como objectivo irritar os pais e professores, como num desafio a tudo que se chama autoridade. O seu comportamento surge impregnado de irritação, brusquidão, insubordinação e falta de atenção.

No seu mundo espiritual, busca identificar-se com uma fé religiosa, na tentativa de uma personalização da fé, muitas vezes impregnada de uma doutrina retributiva. O seu constante questionamento pode levá-lo ao cepticismo. À medida que se aproxima do estágio das operações formais entra na crise da ruptura da confiança no racionalismo puro, continuando à procura do significado da existência.

O adolescente torna-se um enigma para si mesmo, caindo frequentemente em depressão e no vazio. Convencido de que ninguém passou pelos seus problemas e interrogações e muitas vezes incompreendido pelo adulto, com as suas recriminações e alvo da pressão sexual refugia-se num mundo irreal, fantástico e vedado ao adulto. Desta forma torna-se adicto do "heavy metal" e apresenta-se como presa fácil da droga e da marginalidade.

As transformações do seu pensamento, juízo de valores, imaginação e afectividade orientam-no para o mundo do concreto, descobrindo o fabuloso mundo interior do seu "eu" e os seus valores intelectuais. Discute, critica, generaliza, desejando mudar o mundo e solucionar os problemas com que a humanidade se debate. Perante uma sociedade egoísta e hipócrita opõe-se a tudo o que diz respeito ao mundo dos adultos, aos seus valores, às suas tradições. Conduzido pelo seu pensamento concreto, procura ser objectivo face ao mundo que o rodeia. Mas como ainda lhe falta a experiência não consegue ser objectivo com os factos e os sentimentos e, não conseguindo encontrar algo que o satisfaça, cambaleia entre o que hoje o apaixona e amanhã o decepciona.

O desejo de amar e ser amado é tão forte que se comporta em forma tempestuosa, anárquica e incontrolada. Nesta convulsão do seu mundo interior, oscila de um extremo ao outro, tropeçando e entrando em caminhos novos, cheios de aventura e ilusão.

Perante todo este vulcão que está dentro do adolescente e juntando toda a pressão dos adultos, da mass media, da televisão e do grupo de pares a que pertence, não é de admirar que surja uma série de circunstâncias que tornam especialmente difíceis as relações familiares, escolares, afectivas e religiosas.

Estas dificuldades muitas vezes surgem por causa de uma disciplina demasiado estrita, da falta de compreensão e da escassa independência que se lhes concede.

Vimos em grandes rasgos o mundo interior do adolescente. Contemplemos agora o mundo que o rodeia.

2. O Adolescente e o Mundo que o Rodeia

Assistimos quase que impotentes ao descalabro e destruição dos valores que qual baluarte sustêm e erguem uma sociedade. Não é mais que uma corrida desordenada da investida incontrolada da falta de respeito, da ausência do civismo, da conflitualidade, da alienação dos outros, do alicerçamento do egoísmo, do uso indevido do livre arbítrio. Na ausência destes valores, jovens e adultos mergulham, cada vez mais na solidão, na insegurança, na ansiedade e desespero.

Qualquer raciocínio de análise a esta situação leva-nos irremediavelmente à família.

No princípio deste século Ellen White afirmava que a felicidade da sociedade, a preservação dos valores espirituais, a prosperidade da nação dependem das influências do lar.⁴ Ela acrescenta que não existe responsabilidade confiada a seres humanos tão repleta

de consequências de tão grande alcance como a da família na construção do carácter dos filhos. ⁵

A família está a ser sacudida por uma forte crise, dentro e fora da Igreja. As estatísticas mostram uma aceleração vertiginosa dos divórcios que não param de aumentar.

A mãe, a principal educadora da criança e companheira do adolescente, está cada vez mais ausente do lar, em alguns casos, talvez como herança das reivindicações da década de 70, noutros como resultado do aumento das dificuldades materiais, tentando compensar os cada vez mais magros orçamentos familiares.

A mulher transformou-se numa angareadora de dinheiro e governanta da casa, ignorando consciente ou inconscientemente, que os seus filhos esperam que como numa argila mole lhes sejam gravados os princípios orientadores da vida.

Cansada e exausta não lhe resta mais que a irritabilidade, a falta de disposição para ouvir os queixumes ou os sucessos vividos pelos filhos durante o dia, ficando estes entregues a uma empregada, a si próprios ou ao avanço da tecnologia.

O pai demasiado ocupado nem se apercebe dos caminhos tortuosos em que o filho está a entrar.

O jovem enfrenta-se com a solidão, interrompida algumas vezes pelas vozes da discussão, da imprecação, dos insultos ou da televisão.

O avanço da tecnologia e da informática, poderosos meios de educação, mas nem sempre dirigidos de uma forma constructiva, transformou-se numa imparável alienação da vida real, amarrando a família ao sofá da casa e tornando a criança, o adolescente e o jovem adictos às casas de jogos de video, asfixiando o exercício físico e o convívio, impedindo a maturidade harmónica de todo o ser.

O adolescente de hoje entrou num vai-e-vem entre as sacudidelas do corpo nas noitadas das discotecas e a obsessão das consolas dos Game Boys, Segas ou Nitendos, ou agarrados ao telecomando sintonizando freneticamente todos os canais televisivos, de excitação em excitação, conspurcando a sua mente com os filmes de violência onde também pode encontrar o sexo lascivo, gratuito e promiscuo e até o manual do crime.

Perante a degradação da família a escola aparece como o último reduto da educação e condução do adolescente. Mas, mesmo esta mostra-se incapaz de superar os problemas trazidos do lar, as divergências entre os pais, os desvios de comportamento e os desequilíbrios psicológicos, frutos de uma família falida, cujo papel nunca poderá desempenhar.

Perante esta problemática, o professor cristão deve ver em cada aluno uma alma a salvar. Os alunos confiados ao seu cuidado não são objectos para ser controlados e manipulados, mas pessoas inseridas num contexto cheio das consequências do pecado, numa sociedade desmoronada e num mundo sem solução. Deus deseja restaurar a Sua própria imagem e o professor goza do privilégio de participar nesse processo, sendo um fiel administrador da disciplina redentora, inspirando os alunos a ser responsáveis e leais ao compromisso. "Em cada ser humano, apesar de decaído, Jesus contemplava um filho de Deus, ou alguém que poderia ser restaurado aos privilégios do seu parentesco divino."⁶

O Professor Elemento Disciplinador

A profissão de docente é a mais difícil e delicada que é confiada ao homem. Não somente necessita de ter características temperamentais especiais e aptidões cuidadosamente seleccionadas, mas exige também uma dedicação completa, uma entrega total em cada acto de ensinar e em cada momento da vida de quem se dedica ao nobre apostolado do ensino.

É também a de maior responsabilidade, porque trabalha com mentes ainda não formadas que tem que moldar e decorar não só esteticamente, culturalmente, mas também espiritualmente. É a profissão mais sacrificada porque cada coisa que ensina tem que ser avaliada com uma vida exemplar. É, porém, a mais recompensada porque permite ver o futuro do esforço através de vidas transformadas e de caracteres moldados para a eternidade.

A obra do educador é tão importante como a própria educação e Deus considera que a "obra da educação e da redenção são uma."⁷ O docente torna-se deste modo responsável da forma como concebe o seu dever, da visão que transmite aos seus alunos da vida cristã. A sua acção pode conduzir os alunos para a salvação ou afastá-los dela. Deve esforçar-se constantemente por ensinar os alunos a conhecer os princípios da salvação e a iniciar a sua relação com Cristo, tornando-se um colaborador de Cristo.⁸

Somos transformados por aquilo que contemplamos e o nosso espírito adapta-se gradualmente ao objecto que admira.

O adolescente na busca da sua identidade necessita de ter um herói como medida de aferição. Assim o professor surge como um ponto de referência e um ajudador no desenvolvimento da fé, contribuindo para a sua internalização.

Gaebelein diz que "não há educação cristã sem professores cristãos."⁹ As qualidades de um professor cristão têm de ser vistas em relação à necessidade da restauração do homem caído. Assim, o professor deve ter características espirituais, mentais, sociais e físicas.

Vejamos algumas qualificações demonstradas por um professor cristão:

1. Ter uma relação pessoal com Cristo. Se a sua vida está em harmonia com a vontade revelada de Deus saberá reverenciar o sagrado e a sua vida diária será uma benção espiritual para os seus alunos.
2. Uma pessoa desejosa de ajudar o aluno e não somente um transmissor de conhecimentos. Não agindo como o detentor do que é recto, permite e facilita ao aluno que explore as respostas possíveis.
3. Atento à individualidade de cada estudante, estando consciente de que todos os alunos são diferentes e não têm necessidade exactamente da mesma educação.
4. Um facilitador, respeitando os aspectos emocionais e irracionais do indivíduo e conduzindo os alunos a um melhor conhecimento deles mesmos. Professor e alunos devem aprender a partilhar tarefas que aumentem a capacidade de melhor se conhecerem a si próprios, num mundo que lhes quer tirar cada vez mais a individualidade.

5. Um conselheiro, guia e companheiro de jornada. Porque possui mais conhecimento e experiência do que os seus alunos, coloca-se numa posição de guia através do caminho que ele já caminhou. Um conselheiro em situações de impasse em que os alunos se possam encontrar e um companheiro de jornada em circunstâncias novas para o aluno, num mundo em constante mudança.

6. Um ponto de referência em vista de uma disciplina mental, com a capacidade do desenvolvimento da razão, da fé e do poder da vontade nos seus estudantes.

7. Um agente de salvação. A tarefa do professor encontra-se bem ilustrada no relato feito por Lucas, no capítulo 15, das parábolas da ovelha perdida, da drácula perdida e do filho pródigo. O professor é como o que vai em busca daquele, como a ovelha, reconhecendo que está perdido, não sabe o caminho para casa; ou, como a drácula que não tendo suficiente sentido espiritual não se apercebe da sua perdição; ou ainda, como o filho pródigo que conhece que está perdido, sabe o caminho para casa, mas a sua rebelião impede-o de voltar. Assim, o professor vai em busca do adolescente conduzindo-o à harmonia plena com Cristo para a restauração da imagem de Deus.

8. Possuir domínio próprio

Nenhum homem ou mulher está preparado para a obra de ensinar se é inquieto, impaciente, arbitrário ou autoritário. Não busque desculpas para a sua má conduta com o argumento de que tem por natureza um mau génio ou que errou por ignorância. Ocupar um lugar onde existe a ignorância ou a falta de domínio próprio é um pecado. Está escrevendo nas almas lições que as acompanhará durante toda a vida e deve aprender a não pronunciar jamais uma palavra impensada e a não perder o domínio próprio. ¹⁰

9. Um leader espiritual que conduz o aluno não só através dos caminhos da razão mas também pela mais importante esfera da fé.

10. Dá muita importância ao seu carácter pois deixará sulcos profundos e duradouros na sua relação com os alunos.

"Não há para o professor outro meio de conquistar o respeito dos alunos, que o de revelar em seu próprio carácter os princípios que procura ensinar." ¹¹

11. Integridade e largueza de espírito

12. Adornos do carácter

"Ordem, perfeição, pontualidade, governo de si mesmo, temperamento jovial, uniformidade de disposição, sacrifício próprio, integridade e cortesia são requisitos essenciais." ¹²

13. Cuidar da saúde

Sem uma boa constituição física é quase impossível manter uma boa disposição e um temperamento que reflecta a imagem de Cristo.

14. Abster-se de censurar.

Se o professor deseja ajudar a desenvolver a fé do aluno não deve censurar, porque a censura "confunde e não transforma." ¹³

15. Reflectir o carácter de Deus quando disciplina.

A maneira como o professor aplica a disciplina mostra se está actuando sob o domínio de Deus.

Podemos resumir, concluindo que os professores que o mundo necessita são mestres capazes de pensar e de agir e não escravos das circunstâncias; homens com largueza de espírito, pensamentos claros e coragem das suas convicções. A verdade e a integridade não serão jamais sacrificadas a um desejo egoísta ou a uma ambição mundana submetendo-se aos princípios da justiça. Contemplam o carácter de Deus para a renovação do espírito e da alma para a recreação à Sua imagem.

Interiorização da disciplina

A integração da fé e disciplina é um dos pontos basilares na diferença que existe entre a filosofia educativa comum e a doutrina de educação bíblico-cristã. Na realidade o que o professor pretende é obter da parte dos alunos um comportamento que lhe permita um ambiente onde a aprendizagem se processe ordeiramente. Por isso, muitas vezes, a disciplina é vista pelo educador como algo que deve ser aplicado ao aluno, como uma acção externa, fruto da autoridade dos docentes. Este conceito é errado já que "o objectivo da disciplina é ensinar à criança o governo de si mesma." ¹⁴

A disciplina deve levar à transformação do indivíduo e para isso é necessário que seja algo que se processe no interior. Só quando se estabelece um conflito interior pode haver modificação de comportamento. Se a disciplina se traduz numa coacção externa, a consequência é que se derruba na ausência da autoridade. Pelo contrário, a disciplina que é compreendida e aceita, leva ao domínio próprio e à conduta correcta, mesmo na ausência da autoridade.

Quando a disciplina é interiorizada, a vontade do indivíduo é fortalecida e desenvolve-se através do uso do livre arbítrio e da experiência das consequências das suas escolhas.

Encontramos a interiorização da disciplina na parábola do filho pródigo. Certamente que antes do filho partir houve um diálogo entre pai e filho. O pai deve-lhe ter mostrado as consequências da sua decisão, no entanto não o forçou e esperou pacientemente que as experiências que esse filho iria viver o fariam voltar ao lar. E, quando este voltou, não houve recriminações, mas um banquete de amor foi preparado. Porquê? Porque este filho "estava morto e reviveu; tinha-se perdido e achou-se" (Luc. 15:32). O que na realidade se tinha produzida era a redenção.

Um outro exemplo bíblico de interiorização da disciplina é o de Isaque. Numa completa entrega confiante, em obediência total às reivindicações de Deus, submete-se ao sacrifício (Gen. 22:9 e 10).

O fundamento da redenção e da verdadeira educação é o amor¹⁵ e como o objectivo da disciplina é a redenção, então a base da disciplina é o amor. O amor não

deve ser imposto por força ao ser humano, nem quando se dá, nem quando se pede. "É um erro terrível quebrar a vontade dum jovem." ¹⁶ Quando a disciplina é aplicada com este objectivo, o educador facilita o processo da interiorização.

Segundo **Knight** ¹⁷ o papel do professor no desenvolvimento da interiorização da disciplina tem as seguintes prespectivas:

1. Orientar o jovem a descobrir as suas debilidades e falhas.
2. Assinalar a fonte do perdão e do poder.

É neste momento que o professor tem que usar de muita sabedoria e orientação do Espírito Santo para saber encontrar o equilíbrio entre a sua acção (controlo externo) e o livre arbítrio do aluno (controlo interno), para que o primeiro não subjugu o segundo.

Não é propósito de Deus que alguém domine o espírito, a vontade e a consciência de outro. "Os que enfraquecem ou destroem a individualidade, assumem uma responsabilidade de que apenas podem resultar males... e o espírito que confia no juízo de outrem, mais cedo ou mais tarde será por certo transviado." ¹⁸

A interiorização da disciplina é um processo lento que permitirá um crescimento do nível do auto-governo, permitindo ao aluno tornar-se mais maduro e responsável. A disciplina redentora permite ao aluno acumular, ao longo dos anos do seu desenvolvimento, as armas que o levarão a atingir o máximo controlo possível sobre o seu comportamento. As experiências que irá vivendo desenvolverão cada vez mais a sua vontade e o poder do auto-controlo, conduzindo-o com passos seguros à vida adulta. A interiorização da disciplina no adolescente é um processo que o ajudará a ser responsável na sua vida cristã.

Disciplina Preventiva

Quando se pensa acerca da disciplina, os professores têm como alvo um comportamento da parte dos alunos que permita um ambiente ordeiro para a aprendizagem. A resposta negativa do aluno a este desejo do professor tem sempre uma causa. A maior parte das vezes essa causa reside no professor, na sua personalidade, na sua falta de preparação académica, na ausência de uma planificação correcta, no tipo de aprendizagem aplicada, balanceando entre o autoritário e o permissivo, atitude agressiva, falta de pontualidade e muitos outros factores que poderíamos mencionar.

A disciplina preventiva promove e facilita o comportamento positivo, evita a punição, eliminando a ocasião para a indisciplina.

Para evitar a hostilidade e a rebelião, **Dudley** ¹⁹ propõe que as regras que devem ser poucas, mas sempre cumpridas, sejam estabelecidas por um trabalho conjunto de professores e alunos e aceites como um compromisso pessoal.

Padrões apropriados de comportamento, estabelecidos e reforçados cooperativamente, serão um apoio para a construção do carácter preparando para o auto-governo, e trazendo harmonia para a escola e lar. ²⁰

Ao examinarmos a bibliografia sobre este assunto, verificamos a existência de uma grande diversidade de métodos. Vejamos alguns deles.

I. **Knight** ²¹ apresenta três normas:

1. Uma preparação cabal do professor na sua tarefa de ensinar.

Se o professor prepara bem as suas classes, conhece o tema que vai ensinar e pode dirigir com eficácia a discussão, poderá manter os seus alunos ocupados e interessados.

2. A atitude do professor para com os alunos.

O trabalho principal do professor é ganhar a confiança dos alunos e inspirar confiança neles próprios.

As crianças e os jovens são beneficiados se se deposita confiança neles...a suspeita desmoraliza produzindo os mesmos males que procura evitar...levei os jovens a sentir que eles merecem confiança e poucos haverá que não procurarão mostrar-se dignos dessa confiança. ²²

3. O professor cristão reconhece a beleza do cristianismo e tem uma atitude positiva em relação às normas elevadas e nobres. Concebe os ideais cristãos dentro da estrutura da liberdade, mais do que da restrição e não duvida de que a liberdade é o caminho do Senhor e o meio pelo qual Ele oferece a salvação e requer obediência. Se o professor vê a disciplina desde este ângulo, impressionará fortemente as mentes dos alunos e alcançará os seus objectivos de disciplina.

II. **Green e Gaikward** ²³ sugerem várias hipóteses de actuação:

1. Método Cooperativo

Este é um método que encontramos nos escritos sagrados e em particular na metodologia de Cristo.

2. Métodos Compatíveis com o Cérebro

Este método procura ajustar o ambiente da sala de aula às possibilidades de aprendizagem do aluno. Um dos modelos de instrução foi desenvolvido por Susan Kovalik e intitula-se Instrução Temática Integral (ITI). Usa o método cooperativo e vai ao encontro da melhor forma como o aluno aprende. Este método tem como objectivo o desenvolvimento pessoal e social e pode ser praticado através das Mega-Habilidades e Normas Pelas Quais Viver. As Mega-Habilidades são dez: confiança, motivação, esforço, responsabilidade, iniciativa, perseverança, cuidado, senso de equipa, sensatez e solução de problemas. Estas habilidades que são valores, atividades e comportamentos, determinam o aproveitamento do aluno.

As Normas Pelas Quais Vive são uma série de expectativas, como por exemplo, não humilhar ninguém, escutar atenciosamente, verdade, fazer o meu melhor, que ajudam o estudante a aprender a responsabilizar-se pelo seu comportamento.

As Normas Pelas Quais Viver e as Mega-Habilidades são afixadas na sala de aula para que professor e alunos possam contemplá-las e discuti-las cada dia.

III. E. White recomenda:

O método indicado por Ellen White é também o método cooperativo. Ela aponta para a cooperação como um "auxílio inapreciável na manutenção da ordem."²⁴ Continua indicando que nas actividades da aula, alguns alunos, que são mais inquietos, provocam desordem e insubordinação, encontrando neste método escoamento para as suas energias. Os alunos mais velhos devem ajudar os mais novos e os que têm mais capacidades aos que têm mais dificuldades e, sempre que possível, o professor devia dar uma tarefa em que o aluno tenha a oportunidade de se distinguir. Segundo esta autora esta metodologia fará aumentar a auto-estima e o desejo de ser útil.²⁵

IV. A Bíblia indica o método usado por Deus.

O método usado por Deus para a construção do carácter do povo de Israel foi o método cooperativo.

Vejamos alguns exemplos:

1. A construção do tabernáculo em que o povo trabalhou dividido em grupos de trabalho com o mesmo objectivo. (Ex. 35:21)
2. A reconstrução dos muros de Jerusalem feita pelos cativos que voltaram de Babilónia. Divididos em grupos trabalharam num só objectivo. (Neem. 4:6)
3. A multiplicação dos pães em que os discípulos durante o milagre efectuado por Jesus, recebiam os pães e os entregavam à multidão ali reunida. (Luc. 9:16)

Disciplina Positiva

Apesar de que a disciplina preventiva reduz o número de infrações às regras, devido à natureza humana, muitas vezes o professor se depara com casos mais difíceis que exigem a sua intervenção disciplinadora. No entanto, quer seja uma atitude deliberadamente negativa ou o fruto da fraqueza humana, o espírito de amor deve dirigir a aplicação da disciplina. Se esta não for aplicada de uma maneira correcta e baseada numa boa razão, a resposta dos outros alunos, em vez de ser de aceitação será de ressentimento e rebelião.²⁶

Quando todas as medidas de disciplina preventiva não resultam e o são discernimento recomendado no relacionamento professor/aluno não atinge os objectivos, uma punição cuidadosamente planeada pode contribuir para o desenvolvimento do carácter. Dudley²⁷ propõe sete directrizes que ajudarão a obter resultados positivos na aplicação da punição:

1. Tanto quanto possível use consequências naturais em vez de castigos arbitrários.

Quando os jovens não cumprem e sofrem as consequências, normalmente entendem que são os culpados da situação. Os professores e pais não devem protegê-los das consequências dos seus próprios actos, a não ser que estas lhes tragam danos irreparáveis para as suas vidas.

2. A punição deve ser justa, não severa, e não aplicada publicamente..

Se o objectivo é conduzir o adolescente na escolha do bom caminho será melhor que o professor não use a humilhação pública como método. Os adolescentes dão muito valor ao conceito que os grupos de pares têm a seu respeito, e provocar semelhante dano é imperdoável. 28

Quando punir se depara como a única opção deve sempre ser feita em privado. Se o comportamento do aluno não permite o bom funcionamento da classe é melhor convidar o aluno a deixar a aula e logo após a mesma terminar, discutir o assunto em privado.

Um estudo feito por Dudley 29 com quatrocentos alunos do ensino secundário revelou que a disciplina severa e rígida está positivamente correlacionada com a alienação da religião.

3. Os jovens devem ver a justiça e o valor do castigo e estar de acordo com ele.

"Alcança-se o verdadeiro objectivo da reprovação apenas quando o malfeitor é levado a ver a sua falta, e consegue a sua vontade no empenho de corrigir-se"

Cole e Hall propõem que os estudantes sugiram o seu próprio castigo:

O castigo deve ser sempre constructivo e conducente a um melhor auto-controlo. Permitir aos alunos sugerir e elaborar as suas próprias punições favorece mais o desenvolvimento do auto-controlo que um castigo previamente estabelecida. 31

4. O castigo nunca deve ser dado para satisfazer as necessidades emocionais do castigador e nunca deve ser administrado sob ira.

Muitas vezes castigamos para a nossa própria satisfação como relaxante das nossas tensões perante a atitude do aluno.

Os que desejam governar a outrem devem primeiramente governar-se a si mesmos. O tratar apaixonadamente com uma criança ou jovem, somente despertará o seu ressentimento. Quando um pai ou professor se torna impaciente e está em perigo de falar imprudentemente, fique em silêncio.32

5. O castigo não deve ser dado imediatamente.

Se não dermos tempo ao aluno para que explique os motivos da sua atitude, a fim de compreendermos as causas, podemos tomar decisões erradas.

O castigo deve ser adiado até que o professor esteja seguro de que compreende os motivos do estudante e que vê através dos sintomas as causas. Talvez que ao se inteirar da situação, não encontre nenhuma razão para o castigo. 33

Dudley 34 adverte de que não deve ser dado ao aluno como castigo deveres escolares extra, pois criará sentimentos negativos contra a escola e o estudo; trabalho não remunerado, pois levará a considerar o trabalho como algo aborrecido ou que deve ser evitado; ou, pior ainda, exigir do aluno decorar passagens da Bíblia, pensando que a mensagem o transformará, pois o incitará a odiar a Bíblia.

7. A disciplina não deve ter como alvo suscitar medo.

As teorias modernas de controle condenam o uso do medo ou intimidação sob qualquer forma... O medo leva à rigidez e não ao relaxamento; introduz uma emoção negativa...impede a aprendizagem; não conduz a uma atitude saudável da mente, favorece o crescimento de mecanismos de escape. Resumindo, além de estar em desuso, só produz silêncio. 35

A Bíblia diz que "o perfeito amor lança fora o temor" (1 João 4:18).

As regras e os regulamentos aplicados sem amor, mas arbitrariamente impostos podem ter efeitos verdadeiramente destructivos no desenvolvimento do carácter. "Se o amor de Cristo preencher a vida do professor e for derramado sobre o adolescente promove a força motivadora para levar avante as directrizes propostas"³⁶

ELLEN WHITE E A APLICAÇÃO DA DISCIPLINA NO SEU LAR

Ellen White também enfrentou os problema que todo pai, mãe e educador no seu relacionamento com filhos e educandos têm que resolver. Ela própria confessa que não é fácil conduzir os filhos no caminho direito 37, guardando o equilíbrio entre a firmeza e o amor, e mantendo o amor lado a lado ao dever. Se o dever se impõe ao amor ou este ao dever as crianças tornam-se "obstinadas, voluntariosas, perversas, egoistas e desobedientes." 38

Perante o comportamento não desejável dos filhos nunca alterou a sua voz para não despertar as paixões do espírito 39 e perante uma provocação não mostrava irritação para que a sua atitude não "manifestasse o espírito de Satanás."⁴⁰ Quando a situação se apresentava difícil, dava um tempo de reflexão. Então, saía e orava. Quando voltavam a reunir-se e no diálogo se despertava o reconhecimento do erro, oravam juntos e os filhos compreendiam quanto o seu mau procedimento tinha prejudicado a sua alma e entristecido o Espírito de Deus.⁴¹ Isto é disciplina redentora.

Antes de ocasionar dor física a vosso filho, revelai, se sois pai ou mãe cristãos, o amor que tendes por vossos pequenos que são sujeitos a errar. Prostrando-vos perante Deus com o vosso filho, apresentareis diante do Redentor, que é cheio de

simpatia, as Suas próprias palavras: "Deixai vir a Mim os meninos, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus" (Mar. 10:14). Esta oração trará anjos ao vosso lado. 42

Ellen White sabia por experiência que o processo de disciplinar não é tarefa fácil porque é "uma obra delicada e a mais difícil que se tem confiado a seres humanos. Exige o mais delicado tacto... conhecimento da natureza humana", fé e paciência. "É uma obra que nada sobrelevará em importância." 43

CONCLUSÃO

O objectivo máximo do ministério do ensino é transmitir aos jovens Deus, Autor e Sustentador de todas as coisas, o Redentor activo do mundo, do homem e de uma sociedade em desordem. Atingir este propósito só é possível nas escolas cristãs através de professores cristãos. Só nas escolas cristãs cada actividade da aprendizagem é simultaneamente uma actividade construtora da fé. Assim, surge o modelo educativo, restrito ao ensino cristão, de integração da fé e aprendizagem. Isto leva-nos à construção da pessoa "total". E é neste sentido do todo que encontramos um marco predominante na educação - a disciplina.

A diferença entre a noção de disciplina das escolas comuns e das escolas cristãs é de que as comuns assentam no naturalismo e as cristãs no supernaturalista. As primeiras vêm a obra educativa como produto do conhecimento humano e as segundas como uma acção directa de Deus.

Deus convidou o professor a ser o seu cooperador na obra transformadora da disciplina cristã; e o professor convida o aluno a crescerem juntos na grande pesquisa de encontrar o significado central da existência e a saber viver com auto-governo. E é neste caminhar lado a lado nas mãos de Jesus que o aluno aceita, numa atitude transformadora, a necessidade de sujeitar a sua vontade à d'Ele, reconhecendo a sua falta e a necessidade de um Redentor.

Durante este companheirismo o aluno compreenderá que Deus coloca, muitas vezes, situações e circunstâncias difíceis para dar oportunidade de corrigirmos os nossos defeitos a fim de nos tornarmos aptos para o serviço.

No entanto, a aplicação da disciplina cristã não é tarefa fácil. Exige perseverança, paciência, amor e a habilidade do educador para determinar os limites subtis entre a liberdade e a firme orientação que o adolescente necessita.

O professor tem à sua disposição métodos que facilitará a disciplina, mas tudo isto falhará se não recorrer à oração intercessora junto de Cristo, para que envie o Espírito Santo que convencerá do pecado. O método mais seguro encontramos nos princípios de acção usados por Jesus, que ao disciplinar restaurou a Sua própria imagem naqueles com quem se relacionou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. White, Educação, 1977, p. 17.
02. Ibid, p.288,289.
03. Gaebelain, The Pattern of God's Truth, 1968, p.91
04. White, Lar Adventista, 1987, p. 15.
05. Idem, Orientação da Criança, 1988, p.169.
06. White, Educação, 1977, p.79.
07. Ibid., p.30.
08. Loc. Cit.
09. Gaebelain, The Patterns of God's Truth: Problems of Integration in Christian Education, 1968, p.35.
10. White, Conselhos para Pais e Professores, 1975, p.178.
11. Idem, Educação, 1977, p.277.
12. Loc. Cit.
13. White, Orientação da Criança, 1988, p. 280, 281.
14. Idem, Educação, 1977, p. 287.
15. Ibid., p.288.
16. Idem, Orientação da Criança, 1988, p. 210.
17. Knight, The Journal of Adventist Education, 1977, p. 10.
18. White, Educação, 1977, p. 288,231.
19. Dudley,Why Teenagers Reject Religion... and What To Do About It, 1978, p. 99.
20. Ibid., p.101.
21. Knight, The Journal of Christian Education, 1977.
22. White, Educação, 1977, p.289, 290.
23. Green, "Orientações Práticas Para Disciplina na Sala de Aula," Educação adventista, Nº2, 1994, p.20.
24. White, Educação, 1977, p.285.
25. Loc. Cit.
26. Dudley, 1978, p. 106.
27. Ibid., p.111.
28. Ibid., p.113.
29. Loc. Cit.
30. White, Educação, 1977, p. 292.
31. Cole and Hall, "Psychology of Adolescence", citado em Why Teenagers Reject Religion...and What To Do About It, por Roger Dudley, 1978, p.114.
32. White, Educação, 1977, p. 292.
33. Cole and Hall, "Psychology of Adolescence", citado em Why Teenagers Reject Religion... and What To Do About It, por Roger Dudley, 1978, p. 115,116.
34. Dudley, Op. Cit., p. 116.
35. Cole and Hall, Op. Cit., p. 116.
36. Dudley, Op. Cit., p. 117.
37. White, Orientação da Criança, 1988, p. 258
38. Ibid., p.261.
39. Loc. Cit.

40. Ibid., p.254.
41. Loc. Cit.
42. Ibid., p.253.
43. Idem, Educação, 1977, p. 292.

BIBLIOGRAFIA

- Akers, G. H. "The Ministry of Teaching", Adventist Review, (may 18, 1989), p.12.
- _____. "Proper Education". Adventist Perspectives, vol. III, Nº 1, (Spring, 1989), p. 29.
- Akers, George H. and Moon, Robert D. "Integrating Learning, Faith, and Practice in Christian Education, Part I". The Journal of Adventist Education, Vol. 42. Nº 4, (april- may, 1980), p. 17.
- Alexander, Horace, "A Teacher Like God", Adventist Education, (december 1988-january 1989), p. 13.
- Campbell, Ross. How to Really Love Your Teenager. Wheaton, Illinois: SP Publications, Inc., 1986.
- Dudley, Roger. Why Teenagers Reject Religion... and Whar To Do About It. Review and Herald Publishing Association, Washington D.C., 1978.
- Gaebelein, Frank E. The Pattern of God's Truth. Winona Lake, Indiana: BMH Books.
- _____. The Patterns of God's Truth: Problems of Integration in Christian Education. Chicago: Moody Press, 1968.
- Green, William H. and Gaikwad, Prema. "Orientações Práticas para Disciplina na Sala de Aula", Educação Adventista, Nº2, 1994.
- Knight, George R. Issues and Alternatives in Educational Philosophy. Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1982.
- _____. "The Redemptive Discipline". The Journal of Adventist Education, (october, november, 1977).
- White, Ellen G. Conselhos Para Pais e Professores. Santo André, São Paulo: Casa Casa Publicadora Brasileira, 1975.
- _____. Educação. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977.
- _____. Lar Adventista. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1987.
- _____. Orientação da Criança. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- _____. Serviço Cristão. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1962.
- Wilson, Dan. Promise of Deliverance. Wallingford, Pa: Pendle Hill, 1951.